

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

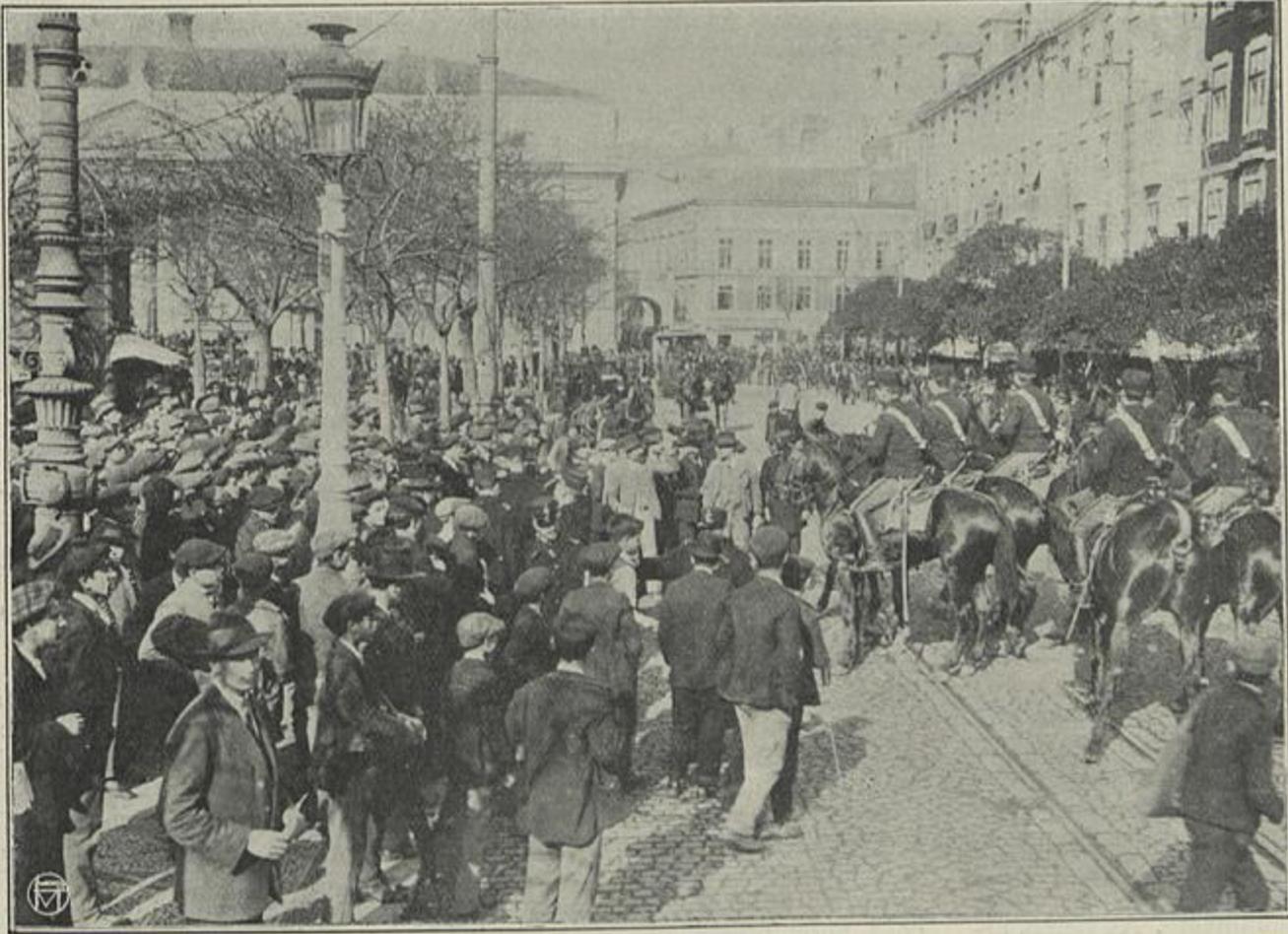
Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

30 de Janeiro de 1914

Composto e Impreso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1263

A "Greve" do Pessoal de Caminhos de Ferro



CAVALARIA DA GUARDA-REPUBLICANA DISPERSANDO OS GREVISTAS NO ROCIO
— ASSALTO AOS CARROS-ELETRICOS NO ROCIO — CASA DO SINDICATO, NO LARGO DA ROSA, GUARDADA PELA FORÇA-PUBLICA

CRONICA OCCIDENTAL

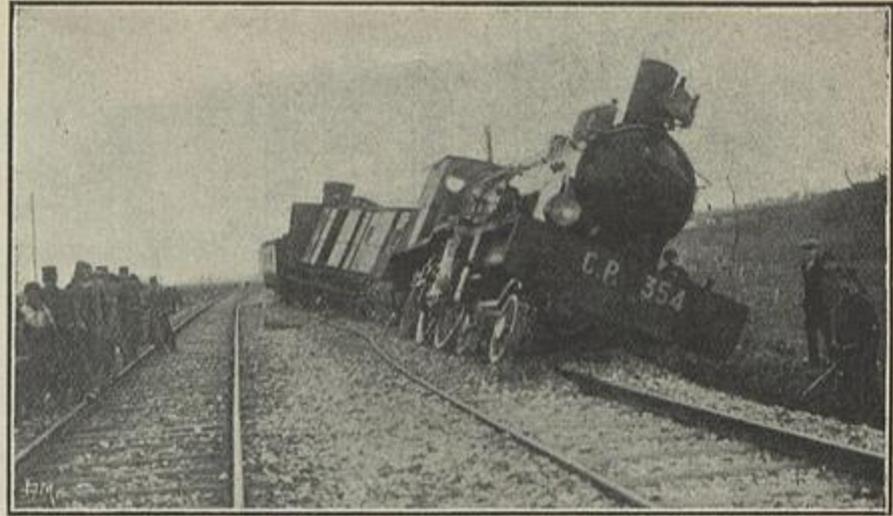
De facto, os nossos homens-de-governo ainda não reconheceram a necessidade de organizar uma coesão forte de todas as forças vivas desta nacionalidade, para a dirigir, suavemente, num caminho de ordem e bem-estar geral. Política e política. Os melhores esforços inutilizam-se, as melhores energias sufocam, as mais lucidas inteligencias desvirtuam-se irremediavelmente nesta ambiência suja de intriga e escandalo. Política não toma por aqui uma acepção nobre e justa — não pode erguer-se a essas alturas límpidas donde os destinos dum povo se distinguem com nitidês e orientam com bôa-vontade e criterio. E' uma falperra de audaciosos. E' um baldio de exploradôres sem lei e sem escrúpulos. E' uma roça de compadrios. Estende-se ao longe e ao largo, em pantano — todos os acontecimentos dele emergem e assumem aspectos de contorsão e visco que irritam e anojam. Esta opinião simples que deixamos expressa á guisa de preambulo — são profissionaes que nol-a gritam; dela não temos o direito de duvidar, antes, nos impõe o dever de confirmá-la, dia a dia, mais e mais, acentuadamente, para esclarecimento de burgos e arrabaldes. Por vezes, as pretensões, as illusões, as esperanças meigas da praça publica, afloram-nos, de leve, irresistivelmente, a hilaridade. O povo ri tambem. Mas, em verdade, o seu riso não tem já aquela expressão indiferente e magana, que o lapis de Bordalo lhe emprestou. Ri, em convulsões, em esgares, em ímpetos, ri, e de tanto rir as lagrimas comêçam de assomar aos seus olhos magoados de dôr e espanto. E assim — ai dele! — ha-de morrer nessa atitude célebre e picara da Maria Rita...

Entanto, espraíemos a vista por esse país em fóra, que por certo, motivos não faltam que solicitem, enternecidamente, sem remedio, a nossa comiserção. De todas as quatro partes, suplices e ameaçadôras, as coisas esbracejam. As regiões vinhateiras do norte despovôam-se e empobrecem desoladoramente. As Beiras ar-

rastam, a custo, os seus andrajos nas lides abandonadas das feiras e moirajar inutil dos campos. A emigração avança. Povos saudosos mordem nas estranhas o pó negro dum exilio dolorosissimo. Os generos de primeira necessidade encarecem. As contribuições industriaes e prediaes tornam-se, ano a ano, mais onerosas. As mercadorias são de perigoso e difficil transporte. Estradas faltam ou falham em desleixo e desolação. As vias-ferreas reduzem-se ao numero minimo. Os comboios fazem, por instantes, lembrar, saudosamente, carroções de diligencias antigas. As tarifas elevam-se ao numero maximo de preço. As estações são mal fiscalisadas.

Nas cidades grandes, pululam e multiplicam-se os mendigos e as moedas falsas. Acotovelam-nos, hora a hora, em furia e concorrência, nos corredôros das repartições ministeriaes e terraços dos botequins, nas galerias dos teatros e plateias do parlamento — medicos sem clientes, advogados sem causas, deputados sem tino. Para os advogados — não ha causa que os explique, nem causas que os justifiquem. Para os medicos — não ha doenças que os matem, nem doentes que saibam curar. Para os deputados — dão ha mordança que lhes imponha silencio, nem raio... que os illumine.

Em compensação, a burra do Estado infla, a regorgitar, de fezes e saldos positivos, e tudo nos leva a crêr que será, neste caso, proxima parente, se não esposa legitima, do burro do sr. Alcaide. Ninguem tem o direito de duvidar das afirmações preemptorias que os relatorios ofi-



COMBOIO DESCARRILADO ENTRE SACAVEM E A POVOA

ciaes clamam vigorosamente. O *superavit* existe — se não existisse, seria necessario inventá-lo. Afonso Costa compreendeu-o bem. As nossas finanças progridem em melhoras e auspicios — e se ainda não assomaram, fóra do cofre do Estado ou boceta de Pandora, os seus narizinhos viciosos, é porque temem os frios da invernia e uma recaída desastrosa. Com efeito, ha factos que inculcam a mal da sinceridade governamental. O estado do nosso paiz, se é, biologicamente, mau, é, economicamente falando, pessimo.

Tenhâmos em vista a praça da Figueira, o largo das Côrtes e a feira da Ladra...

Dia a dia, nas fôlhas ultimas das gazetas, vêem exaradas, a tipo miudo, reclamações angustiosas de professôres-primarios que ainda não fóram pagos dos seus serviços benemeritos e não sabem como livrar das garras da fome os filhos pequenos e das garras dos penhoristas o fato domingueiro e a cartilha do Padre Ignacio.

Todavia, devemos tomar em consideração que o senhor ministro da Instrução autorisou o pagamento de mil escudos para aquisição de bandeiras e pendões que se destinam á ornamentação e gaudio das escolas do districto da Horta.

Na quinzena finda, Lisbôa surgiu em inquietação e ameaços de rebelia.

A greve dos ferro-viarios conseguiu despertar-lhe curiosidade e interesse e pôr em jogo as energias do seu vigoroso organismo. A' mês do orçamento e deante do prato-do-dia, o apetite do lisboeta é voracissimo. E' lendaria e decantada a predilecção do alfacinha pelas novidades das hortas suburbanas — comtudo, á falta de melhor, tambem saboreia, com delicia, as novidades escandalosas de politica e sociedade, cosinhadas com môlho de vinhaça e peixe-espada.

A seu pesar, a greve solucionou-se. A situação normalisa-se. Os empregados do caminho de ferro regressam ao labôr quotidiano. Os comboios descarrilam menos vezes. Já cortaram fôlego correrias de municipaes e assaltos a edificios de salsifrés associativos. De prejuizos resultados — não falemos. Prejuizos á companhia que sofreu diminuição de receitas, prejuizos aos grevistas que sofreram perdas de salario e derrota afrontosa — já não pôdem preocupar um publico que anda, em demanda de espairecimento e gloria maior, a interromper, com aplausos e vituperios, as sessões do spectaculo morigeradôr das Camaras.

ANTONIO COBEIRA.



NO ENTRONCAMENTO. PARTIDA DO COMBOIO ORGANISADO PELOS OFICIAES DE ENGENHARIA

Salvator Rosa



PAISAGEM RUSTICA
(Colecção Moreira Freire)

Vôo



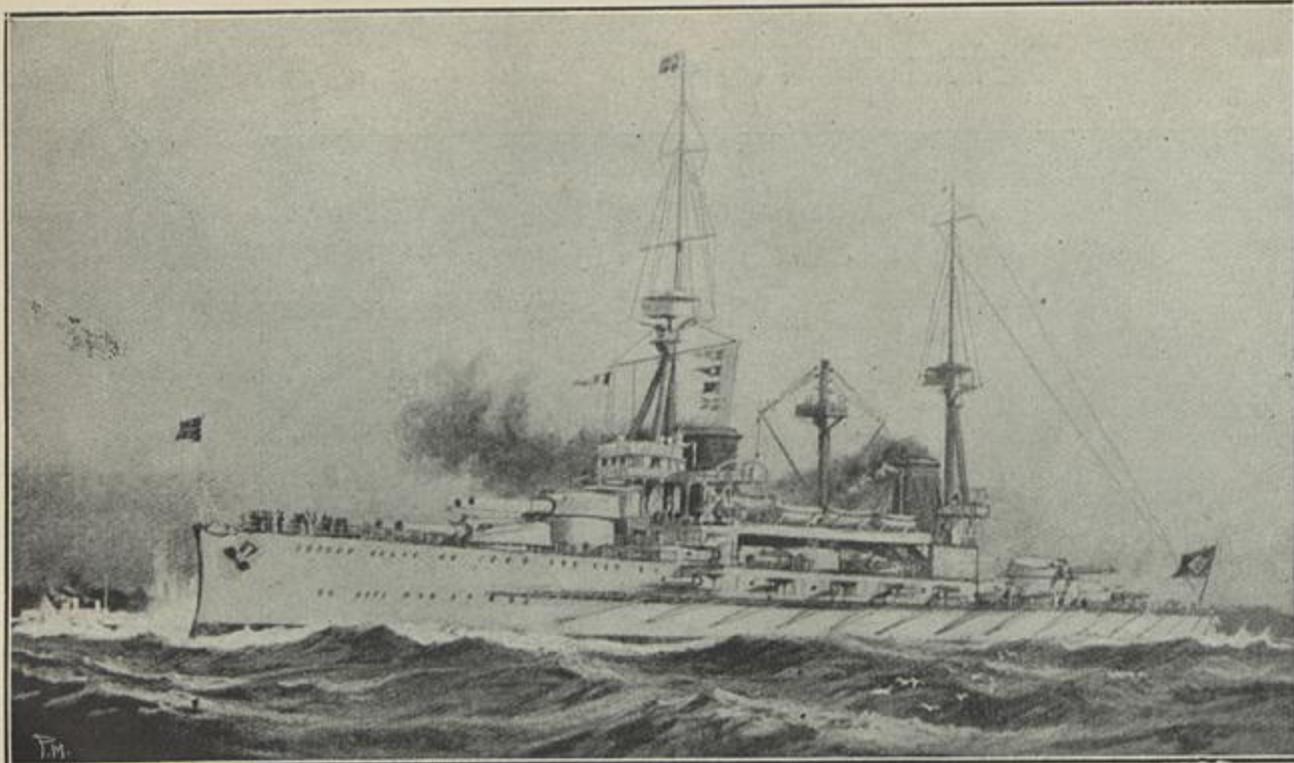
OEI em mim, voei. Meu vôo se perdeu
Num fatigante abraço. Um beijo que me deste
Me conduziu a um mundo, a um mundo de além-Eu,
Onde voei sem ti, onde tu me perdeste.

Há quantos anos já!... Há quantos anos foi!...
Lembro-me que lutei co'um vento de agonia,
Uma ilusão perdida, um fenecer de dia,
E lembro-me que fui da minha vida herói.

O mãe do meu amor sempre p'ra mim perdida!
Eu sinto-me cansado, eu vivo numa vida
Onde não canta a Alma, onde não sei viver!

Quando passaste em mim, um beijo que deixaste
Na sombra do meu peito, em Dôr o emolduraste...
Ó ilusão de mim! Ó nevoa do meu Ser!

Alfredo Pedro Guisado.



O DREADNOUGHT «RIO DE JANEIRO» ADQUIRIDO PELO GOVERNO TURCO

PELO MUNDO FÓRA

Facto notavel, que alguns pretendem fi-liar na actual crise financeira do Brazil, é a venda do dreadnought *Rio de Janeiro* ao governo da Turquia por três milhões de li-bras, com bastante pezar por parte da Gre-cia, da Italia e da França, que receiam que a aquisição pelo imperio ottomano de um couraçado superior ao mais potente navio da nação hellenica seja o presagio da imminencia de outra guerra balkanica, porquanto, com esse reforço naval, os turcos supõem que estão habilitados a reha-ver da Grecia, pela força das armas, as onze ilhas do mar Egeu que a Turquia perdeu na guerra de 1912-1913.

A Grecia pensou em contrabalançar as suas forças com as da Turquia, fazendo a aquisição do dreadnought *Almirante La-torre*, em construcção na casa *Armstrong*, de Inglaterra, e com destino ao *Chili*; mas o governo chileno já declarou que não effectuou a transacção.

O dreadnought *Rio de Janeiro*, adquirido por subscrição publica, iniciada pela com-missão turca do desenvolvimento da ma-rinha, desloca 32:000 tonelladas, tem a velocidade de 22 nós e o comprimento de 632 pés. O seu armamento consta de 14 canhões de 305 millímetros. O governo turco adquiriu tambem 250:000 libras de munições.

Contra a venda do couraçado protestou o almirante brasileiro sr. *Huet de Bacellar*, que certamente soffrerá o castigo por esse acto impulsivo de patriotismo.

Esse dreadnought, agora com o nome de *Sultão Osman*, só estará concluido no fim do proximo mês de Maio.

A nomeação recente de officiaes al-lemães, sob a chefia do coronel *Liman von Sanders*, para a reorganização do exer-cito turco, a aquisição do novo dreadnou-ght, e, ha poucos dias, a nomeação de *Enver bey* para ministro da guerra, mos-tram claramente as intenções da Turquia, que não perdeu as esperanças de recon-quistar grande parte do seu vasto imperio na Europa. *Enver pachá*, que substituiu

agora *Izzet pachá*, pretende ser uma incar-nação de Napoleão I. Tem 30 annos, é do-tado de energia de ferro e de vontade firme. Ha um anno (23-1-913) voltava elle da *Cyrenaica*, onde foi a alma da resisten-cia turco-arabe contra os italianos, para dar o golpe que derrubava o governo de *Kiamil pachá*, cujo ministro da guerra *Na-zim* cahia trespassado pelas balas, num ga-binete proximo do do grão vizir. E' ainda *Enver* que arranca ao sultão a demissão d'aquelle governo e a nomeação do go-verne joven turco, sob a presidencia de *Mahmud Chevet*, assassinado seis meses depois.

Rasga-se o tratado de paz de *Kiamil pachá*, e recomeça-se a guerra. *Scutari*, *Fanina* e *Adrianopla* cahem successiva-mente em poder dos inimigos. *Enver*, en-tretanto, opera prodigiosamente na penin-sula de *Gallipoli*, que resistiu á invasão bulgara. E, quando terminada a guerra, os aliados veem ás mãos, impellidos pela cubiça, *Enver* marcha ousadamente sobre *Adrianopla*, que retoma com desprezo dos tratados e da conferencia de Londres, que attribuiu aos bulgaros aquella cidade san-grenta. *Enver* assume agora a chefia mili-tar do imperio turco, começando por pas-sar á reserva mais de duzentos officiaes, em que se conta *Chukri pachá*, o valente defensor de *Adrianopla*!

Izzet pachá, o antigo generalissimo do exercito de *Tchadalja*, que deteve a der-rota pela admiravel organização da defesa constituída pela inexpugnável linha de for-tes que protegeu Constantinopla, em-preheendeu um golpe algo obscuro na *Al-bania*, para onde se dirigia com uns du-zentos militares, que foram presos em *Val-lona*. A Turquia pretende, ao que parece, a suzerania na *Albania*, cuja população é na maior parte — 70 % — mussulmana e adversa, portanto, ao dominio por um prin-cipe christão, que consideram estrangeiro, e que só terá o apoio das potencias. Está nesse caso o principe de *Wied*, que no en-tanto se prepara para ir tomar posse do throno d'aquelle novo reino, talhado pela conferencia de Londres, mas cuja delimi-tação é ainda intrincado problema, d'onde podem resultar complicações e mesmo no-

vas guerras. O povo do *Epiro* declara preferir a morte ao dominio albanês.

Os Balkans continuam a ser o pezadello das chancel-larias.

O mês de Janeiro tem sido fertil em acontecimentos tra-gicos, caracterizados não só pela lucta do homem contra o homem na ancia de me-lhorar a sua situação, mas tambem, e com notavel mere-cimento, pela lucta da natu-reza, na transformação cons-tante dos seus formidaveis elementos. Não chegariam to-das as paginas do OCCIDENTE para descrever numericamen-te os innumeros successos oc-corridos neste começo d'anno, que, ao que parece, nada tem a invejar ao de 1913.

Mexico continua turbulen-to, a braços com uma tremenda crise financeira, que

despertou a abnegação dos seus parlamen-tares a ponto de reduzirem a metade o seu subsidio. Suspendeu-se tambem o paga-mento de juros da divida nacional.

A *Irlanda*, adversa ao *Home-rule*, fez ha dias uma demonstração das suas forças, computadas em 100:000 homens, promptos a pegar em armas contra as forças do go-verno, que não desiste do seu proposito de pôr em pratica a lei prestes a receber a ultima votação.

O governo inglês tem visto surgir de dia para dia grandes embaraços á sua marcha. Ha dias rebentou uma estupenda greve na *Africa do Sul*, em que se viu o elemento negro fazer serias ameaças ao branco. Ao mesmo tempo soffria a Inglaterra um grande desastre naval, que lhe levou um tenente e doze marinheiros. Foi o submarino *A-7*, que se afundou durante as manobras na bahia de *Gawsand*, a seis milhas de *Ply-mouth*.

O vapor belga *Cobequid* deu á costa na bahia de *Fundy*, salvando-se passageiros e marinheiros, mas perdendo-se o navio.

A proposito registe-se a reunião em Londres da conferencia sobre a protecção da vida humana no mar, a qual terminou os trabalhos pela approvação do projecto da convenção e respectivo regulamento, em que se prescreve a adopção de certas re-gras na construcção dos navios, a fim de se augmentar a sua estabilidade em caso de sinistro; a obrigação de se instalar em todos elles a telegraphia sem fios, e, final-mente, a criação, em todas as nações, d'um comité de fiscalização.

A *Austria-Hungria* augmenta os arma-mentos, como é da praxe em todo o mundo civilizado, sendo ha dias lançado ao mar, em *Fiume*, o dreadnought *Yzent Ystvan*, que tem por madrinha de baptismo a ar-chi-duquesa *Maria Thereza*.

Outra aristocrata — a gran-duquesa de *Mecklemburgo* — veiu manifestar se arroja-damente, fazendo um vôo em hydroaero-plano, por cima de *Nice*.

No *Japão* deram-se agora tremendas desgraças. Como se sabe são quotidianos no *Dai-Nippon* os tremores de terra, e tão frequentes que não ha paiz no mundo que tenha um serviço de sismologia tão bem

estabelecido como naquelle florescente imperio. D'esta vez o caso tomou maiores proporções. Houve uma verdadeira catástrophe, determinada pela *erupção da Ilha Sakurash'ima*, cujo vulcão arremessou pedregulhos, cinzas e lava a alturas descomunales, indo arrazar a cidade de *Kahoshima*, transformada num verdadeiro campo de batalha. Milhares de casas arrazadas, e centenas de mortos.

Paris e Berlim gastam sommas enormes na extracção da neve; Madrid conta innumeradas quedas; e mortes pelo frio registam-se infelizmente por toda a parte. Graças ás quedas de neve, desenvolvem-se as faculdades artisticas, que buscam materia prima para a estatuaria... ephemera, representada pelos bustos dos grandes homens da geração presente. Madrid conta a esse respeito episodios curiosissimos.

A quadra extraordinariamente fria que temos atravessado veio demonstrar que a mulher é realmente a antithese do sexo fraco, como o homem a define, pois que, a despeito d'essa temperatura polar que tem avassalado toda a Europa, nós vemos as damas atravessarem com toda a elegancia as avenidas espessamente nevadas e fustigadas pelo vento, expondo aos olhares furtivos dos homens fartamente enroupados os seus collos de pelle assetinada e rosea, e os pés mal guardados por ligeiros sapatos e meias arrendadas, que as saias um pouco abertas, mostram em quasi toda a altura. Decididamente o seculo vinte é o das mulheres!

E vivam as suffragists!

A proposito do frio diremos que a temperatura siberiana de Dezembro e de Janeiro não é nada, se a compararmos com as que reinam em certos planetas. *Marte* tem uma temperatura media inferior á da Terra, 40°; *Saturno*, 180°; *Neptuno*, perto de 220°. Se algum magico transportasse para lá este fedelho terrestre, não só a sua agua se gelava, mas até o proprio ar. O oxigenio e o azote despenhar-se-hiam estrondosamente sobre os rochedos de acido carbonico solidificado.

Dizem os geologos que o frio foi outr'ora maior do que hoje. Os montões de pedras e os *blocos erraticos* que se topam por toda a parte são testemunhos mudos dos tempos em que toda a Europa não era mais do que uma immensa geleira, como o é hoje a *Groenlandia*. O que é mais grave é que os sabios nos annunciam muito serenamente a triste nova de que poderemos entrar de novo num d'esses periodos glaciares. Como, porém, esses periodos duram dezenas de milhões d'annos, podemos placidamente fazer as nossas disposições sem receio.

A temperatura média da Terra varia muito lentamente, e prova-se que não variou um grau desde ha mil annos.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Italia Vitaliani

Depois de tres unicas recitas, partiu a caminho do Funchal, Italia Vitaliani. A sua grande figura de tragedia, animou por momentos aquelles que tiveram o raro prazer espiritual de a sentir, e nelles deixou aquell-



ITALIA VITALIANI

(De Norberto Corrêa)

la dolorosa e inapagavel sensação de arte que Ella tão intensamente personifica e tão maximamente atinge.

A sua alma comovedora de emoção, grifada nos transes de uma grande dôr, empresta á sua fisionomia o rictus convulsionado e intenso, a expressão fisica sempre assombrosa sempre pungente de verdade, dos grandes sentimentos que a dominam.

A Arte, para a sua elevada e eleita individualidade artistica, é uma missão nobre de sacerdocio e o Bello ergue-se no deslumbramento triunfal de uma ascensão religiosa. E a sua religiosidade artistica vem-lhe da maneira acentuadamente psychica do seu modo de ser e de pensar.

A Arte deixou de ser o mecanismo papagueado das palavras ou a atitude de pose enfatuada e vã, para passar a ser a exteriorisação viva e sentida dos grandes momentos, a realisação humana das grandes crises moraes.

Italia Vitaliani é a grande artista do sentimento.

E quanto mais profundamente o sente,



ITALIA VITALIANI NA «MARIA ANTONIETA»

(De Norberto Corrêa)

e quanto mais com elle se irmanisa e se confunde, mais a sua Arte nos arrasta e nos seduz numa apothese de verdade e de expressão maxima e ultima. Assim, os grandes sentimentos que constituem o fundo moral e basilar das grandes almas, são aquelles que nella mais superiormente se exteriorisam.

E' porque nella são duplamente sentidos.

São aquelles que a mulher encontra dentro de si e que a artista requinta e traduz numa elavação moral, a quem a Arte fornece todo o movimento e coloração de um excepcional temperamento.

Nos personagens em que o fundo sensitivo da mulher permanece isolado, para só aparecer a artista creando e realisando uma determinada intensão dramatica, Vitaliani é sempre grande, mas nunca dis-



ITALIA VITALIANI E CARLO DUSE
NA PEÇA «ADRIANA LECOUCVREUR»

(De Norberto Corrêa)

lumbra e nunca vive, mais intensa de expressão e de synthese emotiva, do que naquelles em que a sua sensibilidade nata inunda de relance e reforça de elevação a extraordinaria complexidade do seu temperamento artistico.

Por isso o seu theatro não é acentuadamente moderno mas é o theatro de todos os tempos; e por isso Ella encarnaria melhor a *Antigona* de *Sophocles* no sentimento que se eternizou dos velhos tempos da *Grecia* ás gerações futuras, do que as figurinhas libidinosas de coquette-rie futil que são o grande fulcro onde giram um grande numero de peças modernas.

Interpretando os sentimentos mais nobres da alma humana numa apothese de bondade que é o grande fundo latente da sua alma de mulher, Ella continúa derramando o perene recurso da sua sensibilidade dentro da boa causa da moral artistica e encarando o theatro como a grande escola de educação, vivida atravez do sentimento e sentida pela belesa incorruptivel das grandes almas virtuosas.

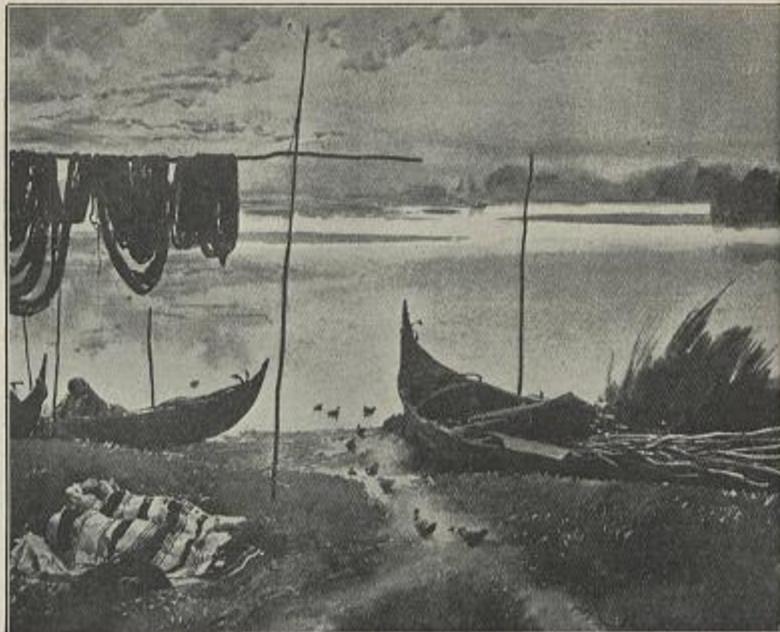
Tudo isto dá a Italia Vitaliani um certo cunho de perfeição moral e de elevação sensível, o que fez que alguém muito acertadamente lhe chamasse — a artista dos intellectuaes.

Lisboa, Janeiro, 1914.

CÔRTEZ RODRIGUES.



LAGO DOS MENINOS (JARDIM DE QUELUZ)
A. Quaresma Junior



AMANHECER DE UMA NOITE DE VERÃO, NO RIATEJO
A. Roque Gameiro



RAMPA DO SUL (ERICIEIRA)
A. Roque Gameiro



PÉGASO (JARDIM DE QUELUZ)
A. Quaresma Junior



LARGO DO CHAFARIZ DE DENTRO
Alberto Souza



TIPO DE VALENCIANO
Henrique Casanova



A MÃE
Henrique Casanova



CASA DA RUA DAS FARINHAS (MOURARIA)
A. Roque Gameiro

(Veja Cronica Ocuro antecedente)

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

X

A DÔR DE ORFEO

(Continuado do numero antecedente)

— Para onde vão?!

— Iamos chamar o paesinho, a menina Cozan está em nossa casa.

Steinbaum pareceu respirar.

Desde o limiar da porta viu á luz frouxa de um candieiro um quadro encantador formado pela cantora encostada ao hombro de Lisbeth. A bôa Lisbeth chorou quando olhava para a grande artista.

Steinbaum entrou:

— Que tem ella, meu Rodolpho?

Ajuda-me a levantá-la, não faz senão repetir «Antes morrer.»

— Não é nada Lisbeth, um pouco de nervoso, o papel era muito violento.

Pegando Anna pelos braços encostou-a sobre a cama.

— Mas que tem ella?!

— Soffre, coitada!

Anna olhou para Steinbaum quando lhe ouviu estas palavras, como supplicando que não desvendasse a dôr da sua alma.

Steinbaum respondeu-lhe com um simples olhar.

Mas que tem ella?! Insistia Lisbeth cujo mutismo a intrigava.

— Mais tarde ella te contará, hoje deverás respeitar a sua dôr, tem direito ao silencio.

Maria José appareceu toda tremula, porém quando viu Anna clamou de alegria.

— Que é isto meu Deus! Pela minha cabeça passaram tantas coisas!

Agarrando-se á sua querida patrôa beijou-a cheia de carinho.

A cantora embrulhou-se em uma grande capa e com Maria José e Steinbaum tomou o caminho do castello.

— Que será de mim agora? disse Anna a Steinbaum.

— Minha querida amiga, resta-lhe a sua arte. Quantas não têm esse refugio!

Para chegarem mais depressa ao castello, atravessaram varios campos e o cemiterio. A noite estava deveras bonita, e a artista recordou-se do passeio no parque de Versailles.

— Eu bem dizia, resmungava a Maria José, querendo explicar o que ella não percebia, os meninos não são para o theatro, seu pae bem o dizia... são tudo obras do diabo.

— Maria José, então, disse o gravador.

— Ella tem razão Steinbaum, não cumpri a vontade de meu pae mereço o castigo.

— A arte vos salvará, tende fé em Deus.

— Sim em Deus!

Quando entraram em Feunteungoat passaram despercebidos pelo pateo dos creados. Uma creada de serviço conduziu Anna ao seu quarto.

— Parto amanhã, procurarei em Launian um pouco de repouso, tenho tanta necessidade!

Depois com as lagrimas nos olhos:

— Tenho vergonha de mim propria, que fraqueza a minha!

Steinbaum viu-a em um tal estado de nervos que pensou que seria melhor deixal-a sósinha.

Ao quarto de Anna Le Cozan chegavam os ultimos compassos de uma valsa. Lescourias organisára um pequeno baile,

Segunda parte

I

A CREMALHEIRA DE MUSICA

Pendurava-se a cremalheira na nova casa de Lescourias.

De Montmartre tinha transportado a sua desordem ao Palais-Royal rua dos Bons-Enfants apoz uma questão com a porteira.

— Sim meus amigos, ella roubava me tudo, uma véla custava-me um preço fabuloso. Quando d'uma vez lhe mostrei que estava pouco disposto para ser roubado não calculam a scena! Nem Oreste perseguido pelas Furias. Emquanto á minha nova porteira por emquanto estamos nas melhores relações, quando soube que era compositor ficou contentissima, tem uma filha de doze annos destinada ao Conservatorio... já pensa que poderia ser seu professor.

A nova casa de Lescourias apresentava um tal desarranjo. Moveis por toda a parte, garrafas, copos, uma lampada, candieiros, tudo estava espalhado pelos moveis e estes collocados de uma forma bizarra. Uma estátua de Apôlo tinha soffrido uma terrivel amputação.

Os convidados eram: Mangrisse, um compositor de obras realistas; sua amante, uma pequena hespanhola, Maria Dolores, de olhar brilhante e sempre de cigarro na bocca; o pintor Keradeve, que Lescourias conheceu em Feunteungoat; a sr.^a Rostaing, antiga cantora d'opera em theatros de provincia, possuindo um peito com uma tal opulencia que ao respirar parecia um mar revolto; Tristão Lancelot, um joven litterato que via em tudo o symbolismo; o dr. Morsau, um apaixonado de musica e sua amante Luciana, que cantava pelos salões; Aubernon, o arganista de Saint-Merry; Jorge Bunière, um amator de boa voz, e uma sr.^a Gardenier, viuva, que falava de toda a musica, sem comprehender nada!

Fombreuse devia chegar, jantara em casa dos Carbranches.

Acompanhado por Lescourias, Bunière cantára com uma voz regular fragmentos de Cesar Franck, e de Wagner.

A sr.^a Rostaing ouvira com um certo desdem todos os amadores; Lescourias pediu-lhe para cantar. Ella levantou-se e o seu olhar parecia indicar: «*Eu agora é que vou mostrar o que é o verdadeiro canto.*» Não quiz cantar Wagner, pois não tinha nada de vocal.— O sr. Bunière diz muito bem, mas no theatro o dizer bem é uma coisa inimiga de cantar bem! O sr. Lescourias tem a *Africana*?— Oh! então não devia ter?! Faz-me então recordar os meus tempos de rapaz, quando em Marselha cantava a *Judia* sozinha, fazendo os papeis de Rachel, Eudoxia, Eleazar, o Cardeal...Procurou a partitura da *Africana*, estava misturada com a do *Trovador*.

— Duas partituras em lugar d'uma!

A sr.^a Rostaing cantou a aria do *Somno* do 2.^o acto. A voz era magnifica, mas os gestos, os olhos em branco, o movimento do tronco, formavam um conjuncto horrivel de velha escola, causando um mau bocado para todos os assistentes, que não sabiam como disfarçar o riso!Applaudiram a sr.^a Rostaing, e esta teve uns cumprimentos de majestade á maneira de *Gelika*, bastante ridiculos!— Deseja *punch* ou chá? disse Lescourias.— Prefiro *punch*, disse Maria Dolores.Mangrisse deu uns acordes no piano, signal para se fazer silencio. Este pianista julgava-se o creador da musica realista. As suas musicas tinham alcançado um certo nome; assim, as obras *Dans la rue*, *l'Atelier*, *Four de fête*, *Brasserie*, *Idylle de boulieux* e *Drame rustique*, eram executadas em diversos concertos.— Eu vou tocar a *Festa Nocturna*, disse o artista

Maria Dolores accendeu o cigarro e poz-se em posição da amante escolhida do artista.

(Continúa.)



Fumando idéais

Decorria a estação das flôres, essa estação em que as aves, ledas e regosijadas, vôam trilando suas paixões em dulcissimos gorgeios.

A Naturêsa — comprehendia-se bem — compartilhava d'essa intima alegria, e o seu capricho subia ao ponto de fornecer a todo o lindo bando que pelo firmamento esvoaçava, o ceu mais limpido que ha muitos dias se não vira.

Era uma delicia!

O sol, muito rente ao oceano, fazia as derradeiras despedidas e abalava para nova viagem. Com pesar o vimos partir... e a pouco e pouco, por sobre as nossas cabeças, foi caindo o manto tetrico da noite.

Tudo emudeceu.

Em volta de mim o silencio de tão tristes momentos, e apenas de quando em quando uma velhinha, pacientemente cosida ás contas, se arrastava para a igreja, a dois passos d'ali.

Dirigi-me para o templo. A cochichar Padre-Nossos já lá estavam as beatas do burgo que piedosa e devotamente se comprometiam a ornamentar todos os dias, com as mais belas e viçosas flôres, o altar da Virgem.

A falar verdade merecia que o vissem.

O ar morno, religioso e contemplativo que pairava n'aquela acanhado ambiente obrigaria mesmo os menos crentes á meditação e ao recolhimento. Agradava-me sobremaneira o forte aroma das flôres; e o incenso que se evolava em espiraes pelas naves do templo dava-me um mixto de unção e desprendimento. Saltou-me aos olhos, como por magia, a visão do Ignoto, e eu sorri... e vacilei. Perante esse problema, para muita gente aterrador e agoi-mento, senti-me por instantes extatico e convulso, até que as harmonias engenhosas vindas do côro me subtraíram eficazmente a tão profunda quão difficil meditação. Os cirios e os lustres em breve ai-

miaram todo o templo e a cerimonia começou.

Com a cabeça ligeiramente inclinada sobre o livro de orações, alguém lia fervorosamente uma prece, mas cêdo eu pude reconhecer que esse alguém sofria resignadamente. No seu angelico rosto eu divisei logo indícios que não enganam, antes deixam no semblante sinais comprometedoros.

Ah! Quanto ambicionei roubar-lhe o segredo, saber o que lhe afligia! Seria amor, paixão... ou seria despeito? Evitei profundar, e isto mais me atormentava. Não era por mim completamente desconhecida essa creatura, rosa feita mulher para me

nhor de quem implorava auxilio, mas um anjo lindo que dos Céos descia mansamente, e mansamente abandonando a côrte celestial, a este mundo de incertêsas baixava para me guiar com o místico brilho dos seus olhos.

Hoje, sentindo-me imensamente longe d'esses olhos bemfazejos, compreendo bem que é ainda a irradiação da sua luz que me alenta e que me dá vida.

D'ela vivo e para ela viverei sempre.

Que seria a vida sem um Ideal, sem um plano que se deseje vêr realizado, sem uma meta que tentemos alcançar? O vacuo, o tédio...

Lisboa, 12-1-914.

JACINTO CARREIRA.

amor segreda-lhe palavras de sonhos lindos, e, a distancia, em segundo plano, uma outra figura de mulher, desnudada, graciosa de attitude, evocativa de repouso, ergue, nas pontas afusadas dos seus dedos, uma haste de papoila, sobre a cabeça da mulher adormecida.

Ao alto, descerra-se um céu limpido e fulgido de estrelas. A lua derrama a sua claridade de feeria. Um véu longo, suspenso dos dedos de outro pequenino genio de amor, protege o somno, serenamente, dos filtros do luar e tentações da noite...

A guarnição do *panneau* é em estilo adequado e ornamentado de flôres dormideiras.

Este mimo de arte — se distingue notavelmente quem no realisou, dá crédito honroso a quem no adquiriu.

Tal é a impressão graciosissima e espiritualissima de Arte que deixou em a nossa memoria, um exame simples do maravilhoso *panneau*.



«PANNEAU» POR DOMINGOS COSTA, PARA TECTO DO QUARTO DE DORMIR DO SR. DOMINGOS JOSÉ AFONSO

enfeitiçar. Sem duvida; não podia passar-lhe despercebida a constancia e a firmêsa com que os meus olhos a seguiam, e no entanto a algida indiferença com que ousava fitar-me ia até ao amago da minh'alma.

Tive um momento de impaciencia. A esperança que alimentava em investigar quaes seriam os sentimentos mais delicados da religiosa donzela, e quiçá possuir o seu coração, pouco faltou se desvanecesse. Usei então de um ultimo e feliz estratagemma: muito devagarsinho, cautamente, curvei o joelho e — de que somos capazes! — orei.

Sim, dirigi ao Senhor da minha crença uma sentida prece suplicando-lhe intervisse n'aquelle pleito d'amor, que fizesse constar a essa contrita menina o quanto desejava que ela cedesse aos meus puros intentos e deixasse d'esta forma de sofrer em silencio tão atroz martirio...

Embriagado n'esta recolhida oração, eu a breve trecho na mente não via já o Se-

Arte decorativa

«Panneau» de Domingos Costa

De direito, orgulhâmo-nos de realisar, nas paginas desta Revista, a reprodução fidelissima dessa obra primorosa de pintura que é o *panneau* destinado á decoração do tecto dum quarto-de-cama do sr. Domingos José Affonso, negociante abastado em Braga. Obra de requinte — tivêmos ocasião de examinal-a e a emoção espiritualissima de arte que vibrou em nós, ainda hoje vivamente e saudosamente a sentimos. Assina-a o nome do distinto pintôr, Domingos Costa, discipulo de Ferreira Chaves que tão bem sabia evocar, sob o seu pincel, em graça e mimo, a alma encantada das flôres.

O *panneau* mede 5^m,52 por 4.

O seu desenho é correctissimo. A pintura revela-se-nos, suavemente, fina de toque, subtil de nuanças, envolta de penumbra. Representa uma figura de mulher, esplendida de nudez e victoriosa de formas, transparecida em gaze e repousada languidamente em flôcos fluidos de nuvens e flôres esparsas — rosas, hortenses, papoilas, dormideiras, que simbolisam a doce e alheada tranquilidade do somno. Um pequenino genio do

Pedras procedentes de Ceuta

O meu velho e apreciavel amigo Joaquim Maria Bernardes, secretario da inspecção de policia administrativa de Lisboa, por motivo de serviço do seu cargo, esteve ha cerca de um mês no cemiterio do Alto de S. João e, ahi, quando atravessava um arruamento, chamou-lhe a attenção um jazigo em que leu a palavra Ceuta.

Não pôde aproximar-se para verificação e melhor exame, por não lhe caber no tempo de que dispunha; mas notou de memoria o facto a fim de me dar conhecimento d'ele, visto saber-me interessado por tudo o que, de perto ou de longe, pode relacionar-se com o duplo centenário a celebrar no futuro ano de 1915.

Fiquei em braza com curiosidade natural de mais largo esclarecimento, e, na impossibilidade de satisfazel-a *de visu*, no proprio local, pedi-lhe que, em ocasião de nova diligencia áquele campo de morte, bem quizesse completar a anterior noticia com preciosos apontamentos escritos.

Assim ocorreu, n'um dos dias da semana ultima.

Vou copiar o que ele escreveu por seu punho em papel que tenho presente:

«Tem seis colunas de pedra. Os ornatos dos capiteis, são diversos.

Na cabeceira tem a seguinte inscrição :

El-Rei D. João 1.º trouxe estas columnas de Ceuta e deu-as á casa de Carnota em 1411.

Aos pés, lê-se o seguinte :

«Conde da Carnota, nasceu em 9 de Maio de 1812 — faleceu em 17 de Abril de 1886 — Joanna Ignez Maguire Henriques, nasceu a 14 de Fevereiro de 1844 — faleceu em 28 de Novembro de 1905.

Olivia Henriques — Nasceu em 16 de Março de 1879, faleceu em 29 de Maio de 1910.»

A' parte a data da oferta do vencedor de Aljubarrota, que assistindo á tomada de Ceuta, levada a efeito no dia 21 d'agosto de 1415, não podia ter trazido coisa nenhuma de lá antes de ali se haver encontrado, parece autentico o assérto da proveniencia das mencionadas pedras, sem duvida contemporaneas em sua primitiva situação, do facto historico palpitante que transferiu a posse da famosa cidade africana, de origem fenicia, para mão arrojada de heroicos portugueses.

Não será filão aureo a explorar em proveito do duplo centenário, este caso do encontro de um jazigo com semelhante inscrição elucidativa?

E' talvez possível que á Comissão do Centenário não haja escapado a existencia de tal jazigo e, se assim fôr, apenas fica registado n'este lugar o esforço da minha vontade coadjuvada pela penhorante gentileza de um amigo de muitos anos.

A ele refléti o inexplicavel da data, que tambem o impressionára, e me repetiu, positiva e categoricamente, ser 1411.

Aos mais autorisados na materia melindrosa de retificações d'esta natureza, deixo o registo exposto, que por certo os guiará para seguro criterio de verdade e para oportuno desdobraimento luminoso nas afirmações eloquentes da Historia.

De Ceuta vieram as colunas do jazigo. O como e porquê, intimos, carecem de mais detida e paciente pesquisa.

19 — 1.º — 914.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Canções da Terra

por

José Coelho da Cunha

Pertence a uma familia illustre de poetas — José Coelho da Cunha alimenta carinhosamente a sua tradição de familia. O culto que lhe ergue, prostrado religiosamente em amor e melodia.

Parece que os reverberos de lampada sacra que iluminou as almas dos paes e avós — vão perpetuando-se na sua alma juvenil e sonhadôra.

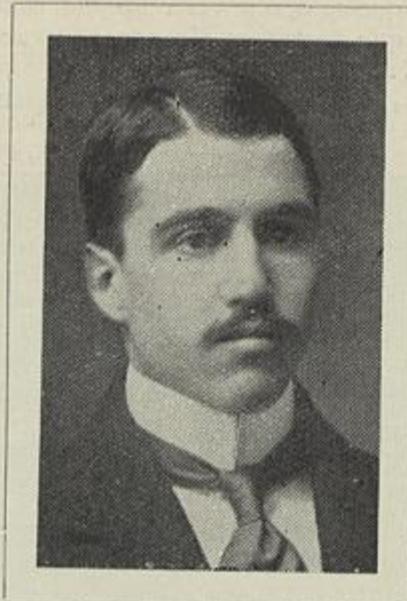
Exemplo que cumpre celebrar — é o amor bendito e abençoante á familia e á terra que lhe ofereceram berço, que desfere as cordas mais suas da sua lira. Dois livros de poesias, José Coelho da Cunha publicou — e são dois livros que ele consagrou enternecidamente ao culto desse amor. Não se iludiram aqueles que souberam ver na sua estreia uma promessa auspiciosa. O volume de poesias que temos presente, confirma-a á evidencia. Recebido no arraial tumultuoso das Letras com um murmuro de admiração e incitamento, o poeta não quedou, embriagado de perfumes, sobre os seus laureis. Antes, proseguiu, mais e mais, e novos motivos vieram estelial-o de graça e maravilha.

Ao alvorecer do Novo Ano — José Coelho da Cunha aparece, iluminado do novo sol e retemperado das seivas novas da terra, e afina a sua lira aos acordes da natureza. Não no movem veleidades de funambulo metrico. Os exotismos das estranhas não no impressionam. Indubitavelmente, não são arrôjos icaricos de novidades e originalidades que impelem a sua ambição de artista. Recolhe observações, como se respigasse flôres, e expõe-nas harmonicamente á nossa admiração. Os paraísos artificiaes de Baudelaire não no tentam; é esta paisagem gloriosa de península meridional, é o paraíso terreal e real que este jardim, á beira mar, plantado, nos apresenta, que tem o condão de exaltar a sua alma e animar o seu estro.

Terra de sol, Terra de Portugal — aliciam de sedução irresistivel o seu coração, as flôres que a matisam, os rios que a banham, os montes que a suspendem do infinito.

José Coelho da Cunha desce ao fundo tradicional do nosso povo e ali encontra para os seus versos motivos surpreendentes, avança no tempo e vae pedir aos nossos classicos o segredo da sua graça. Folheie-se o seu novo livro — *Canções da Terra* — e isto que deixamos dito, será confirmado com precisão.

O poeta identifica-se com o povo bondoso e humilimo das nossas aldeias — canta as suas ilusões, afervora as suas esperanças, sente as suas



JOSÉ COELHO DA CUNHA

amarguras e soluça comovidamente o seu pranto dolorosissimo. O seu bucolismo imerge perturbadamente no colorido alacre da nossa paisagem. A sua sensibilidade prende-se de encontro á tradição amavel da nossa gente.

Ao dobrar a ultima fôlha deste livro — sentimos que a Natureza chama, de longe, por nós. Estendo-nos os braços. Ha supplicas nas suas palavras de magoa. A voz do poeta alia-se á voz da paisagem — erguem-se em unisono, ás alturas. Irresistivelmente, saudosamente, somos levados á terra da nossa infancia. As fiandeiras dos vales tecem tapetes de flôres. Os montes olimpicos preparam-nos aureolas de nimbo.

Regressemos...



AS ARTES

(Concluido do n.º antecedente)

O tempo vôa, as gerações sucedem-se e o antepassado, reliquia santa da familia, revê-se na estremecida descendencia, como esta, olhando-o na sua tela emmoldurada, lhe tributa saudosa homenagem. E que outra flôr pôde ambicionar o que morre, e que outra flôr pôde ofertar-lhe o que vive, que a *saudade*?

Para complemento dessa preciosa arte de colorir, vem outra não menos preciosa, não menos adoravel: — a música.

Que possa dizer-se da música? Que é a arte dos anjos, dessas criaturas que, segundo a crença, são a inocencia e a côrte da mansão celeste; como poderemos afirmar que é a arte do homem, que é músico por natureza.

Na laringe, tem êle um instrumento completo e de delicadissima construção, capaz de executar as mais belas e variadas harmonias; no ouvido, um admiravel receptáculo das mais subtis e mimosas vibrações; na alma, uma fonte inexgotavel de emoções para a contextura das mais sublimes partituras. Á sua voz é um cantico. Ri, geme, chora, aclama, vocifera na musica. Ela irrita-o, amansa-o, fa-lo cor-

rer á gloria e receber a morte de braços abertos; assim como o cura nas enfermidades, lhe reduz á obediencia animais bravios, proporcionando-lhe sempre a mais agradável das distrações.

A mãe, acalentando o filhinho estremeido; o rustico, pastoreando o seu rebanho; o obreiro, nas agruras do seu trabalho; o nauta, no meio dos mares; o sacerdote no templo, o soldado, no campo de batalha e até o proprio selvagem, nas suas brenhas, são cultores espontaneos, naturalissimos da musica que é tão necessaria á nossa vida moral como o alimento á existencia fisica. Por isso, na moderna pedagogia, se recomenda, como necessidade imperiosa, cultivar, no espirito das crianças, o gosto pela musica, que, não pouco, contribuirá para lhes formar o character, além de as dotar de uma prenda muito apreciavel.

A sublime arte musical, hoje, é mesmo mais alguma coisa de que simples melodias, destinadas, apenas, a lisonjear o ouvido, é um verdadeiro idioma de sons ao serviço não só da sensibilidade como da razão, procurando definir ideias, desenvolver verdadeiras teses em que os Weber, Mozart, Chopin e Wagner afirmam, em magistrais inspirações, uma particular orientação filosofica que tem conseguido radicar-se nos espiritos, formando opinião e criando escola.

Resta-nos, para complemento das nossas reflexões, a eloquencia e a poesia. Serão estas, então, as fórmulas da arte na sua condição mais bela, mais completa, mais nitida e extensivamente expressiva? Talvez, porque são ambas a *palavra*.

Que meio ha que melhor possa dizer os inumeros e variadissimos estados da alma com todas as suas particularidades e minudencias, que a *palavra*?

Umavez, arrojada e grandiosa como a arquitectura, plastica e maleavel como a escultura; outras, colorida e animada como a pintura, sonora e afectiva como a musica, a *palavra* é a sintese de todas as artes, de todas, toma o espirito e as qualidades.

Manifestação brilhante do genio e expressão admiravel das mais sublimes ideias e dos mais generosos sentimentos, a *palavra* arrasta e seduz, tem um poder ilimitado no espirito humano.

Ela consegue, só por si, o que pela força se não obtem; é, mil vezes, superior á boca ameaçadora do canhão e á lamina afiada da espada; as armas vencem, mas não convencem.

Cristo e os seus discipulos, abalando o velho mundo nos seus fundamentos ao proclamar o novo credo religioso; Demóstenes, desmascarando os projectos ambiciosos de Filipe da Macedonia; Cicero, defendendo os sicilianos contra a tirania de Verres e, apontando o devasso Catilina como inimigo das instituições republicanas; Bossuet, Fénelon, Vieira e Malhão, exaltando as excelencias da fé cristã, e o missionario, o benemerito e, muitas vezes, heroico missionario, nas inóspitas regiões, civilisando as tribus selvagens, não serão testemunhos irrecusaveis do poder magico da *palavra*?

E, quantas vezes, uma breve frase, umas simples palavras vibrantes ou conceituosas não produzem os mais extraordinarios resultados, as mais notaveis consequencias?!

Espontaneas, proferidas com singular

energia, em grave conjunctura, como as de César e Napoleão; *pensadas*, reveladoras de prudencia e de sensatez, como as de Solon e Tales de Mileto; *aforísticas*, fruto da experiencia, lição dos séculos, filosofia popular que não se fracciona em sistemas, interessante sabedoria das nações, que se não contesta com subtilezas, — quantas transformações, esses singelos enunciados não têm operado no espirito das sociedades?!

Em fórmulas poéticas, tem a palavra uma das suas mais artisticas e mimosas revelações. A poesia é a harpa da humanidade em cujas cordas ha vibrações para todos os sentimentos.

Logo, nos tempos primitivos, ella deveria ter despedido alguns de seus melhores acordes, não pela arte, que essa é apanhio de épocas posteriores, mas pela espontaneidade, brotando límpida do coração humano como a agua cristalina da sua fonte.

Abrindo os olhos á luz, maravilhado pelas belezas que o cercavam, o homem soltou os primeiros canticos da sua voz que deveriam ser um poema de amor e de reconhecida homenagem ao auctor dessas belezas que, duma fórmula tão generosa, o tinha colocado, fragil argila, na posse de todos os bens.

D'aí, por gradação lenta, cultivada a razão, polido o sentimento, as fórmulas artisticas da poesia foram-se definindo e o genero foi despontando.

Em todas as literaturas, a poesia é um dos ramos mais notaveis, o que, facilmente se comprehende, atendendo á tendencia que, em todos os povos, se manifesta para esta sublime arte que, tão bem, preenche seus fins e, tão simples, é, na sua realisação.

De facto, na singeleza, no dispensar de elementos materiais, que indispensaveis são nas outras artes, está, em grande parte, a sua particularidade de pronto, rápido e naturalissimo meio de expressão. Para o edificio, para o relevo, para o quadro, para a instrumental harmonia, o — marmo-re, o lenho, a tela, o alaúde. Para a poesia, — o termo, a emoção.

O grão de areia, o minúsculo insecto, a silvestre florinha poderão ser origem de obras primas de poesia, e, d'aí, do humilde, em escala ascendente, em largo vôo, até Deus.

E, abandonando o envólucro da fórmula como a crisálida o seu casulo, na espiritualidade, a sublime abstracção, lá vai acariciar as outras artes suas irmãs, dando-lhes o encanto do seu idealismo, o devaneio dos seus sonhos, como, a todos os espectaculos da Natureza, o mimo da sua delicadeza, a imponencia da sua soberania.

Que belo e consolador é o mundo da arte!...

Aí, vive-se a vida de espirito, num aprazível afastamento das miserias que nos cercam e que nos acorrentam a um materialismo grosseiro, negação for-

mal de todo o sentimento nobre e generoso.

Em face da concepção artistica, a alma ascende, os sentimentos depuram-se, a imaginação exalta-se. Sentimo-nos transportados a um ambiente de graças em que o sofrimento se esquece, a tristeza se dissipa, o tédio se converte em gozo, as lagrimas em sorrisos.

Escutemos a ária que nos comove, o discurso que nos sensibilisa, a poesia que nos entenece; contemplemos a móle que nos assombra, o buril que nos entusiasma, o pincel que nos encanta, e uma força estranha se apodera de nós que, suave mas irresistivelmente, nos leva a um culto tão empolgante como o da fé: — o culto da beleza.

Honra, pois, ao genio do artista que, tão soberanamente, conquista esse culto.

DAMASCENO NUNES.

PELOS TEATROS

Republica

Assistimos, no Teatro da Republica, á representação duma peça que no cartaz é intitulada *D. Francisco Manuel* e imputada a um dramaturgo moço, Ruy Chianca. No decurso da emocionada acção teatral, chegámos á convicção de que o laureado mancebo quizera realisar, em misterio e graça, uma farça, entretecida á perfeição, trajada á moda antiga, de entendimento sutil e aprimorado bom-gosto. De principio, julgámos descobrir, á minucia, os propositos occultos e morigeradores do autôr. Assim, chorámos recolhidamente, ao primeiro acto, quando uma fêmea secia perguntava langidamente aos circunstantes masculinos uma opinião autorisada sobre o amôr. Aqueles filhos espurios d'algo lançaram as mais banaes e estranhas barbaridades sobre a mulher.

E nós diziamos para os nossos circunspectos botões: Chianca tem razão, as mulheres merecem tudo que delas se diga...

Em compensação, rimos, em silencio, deliciosamente, no ultimo acto, quando o pobre e parvo

do Manoel Francisco assoma ao proscenio, invocando, qual espectro de Ibsen, os raios piedosos do sol. É mais consoladamente nos rimos quando aquella comborça de Vila-Nova supplica perdão, em voz enrouquecida; do velho doído que morre, em estertôres, sobre o banco da cêrca.

Amigos generosos vieram, por fim, ilucidar-nos, e, em segredo, nos confiaram, que a peça era um drama, e o drama era historico e a historia era imaginada em versos alexandrinos. Não acreditámos. Em breve, nos disseram que tudo aquilo se entende com D. Francisco Manuel de Mello autôr glorioso dos *Apologos dialogaes*.

Assim, Ruy Chianca é reu confesso dum monstruoso peccado...

Vamos denunciá-lo á policia!



A negação do Azar. — A Ciencia da Roleta. — A fisiologia do Jogo. — Uma cruzada moderna. — O problema do Jogo. — Obras de Victorino Coelho. Livraria Ventura Abrantes, Editor, rua do Alecrim — Lisboa.

Numa época assinalada, em Portugal por uma campanha incansavel e vehemente contra o jogo e sua regulamentação, publicam-se estes livros que assim tomam extranho interesse e afiam irresistivel a curiosidade de amadores e profissionaes.

No frontespicio das suas obras, o autôr exarou estas palavras precisamente significativas de Custodio Rodrigues: *Napoleão disse que o problema da roleta ainda havia de ser resolvido pelos matematicos. Visou alto de mais. A taboada é suficiente...*

Nestas simples palavras se desvelam os intuitos do sr. Victorino Coelho que é um fervoroso e indefesso propagandista do método do sr. Joaquim Dolivaes Nunes. Podemos afirmar bem que estas obras são o esforço sincero para rehabilitar o sr. Dolivaes de imputações menos verdadeiras e menos lisongeiras, que ingenuos e mal intencionados lançam com frequencia sobre a sua figura moral.

Nestes livros que o editôr, sr. Ventura Abrantes, teve a amabilidade de nos oferecer, acompanha-se, a par e passo, a ideia antiga do azar, esboçam-se os principios geraes que regem a Ciencia da Roleta e estuda-se com interesse a fisiologia complicada do jogo.

Não se imagine, porém, que a edição destas obras foi realisada para restaurar a jogatina nos



TEATRO DA REPUBLICA — 2.º ACTO DO DRAMA «D. FRANCISCO MANUEL»
EMILIA DE OLIVEIRA, BRAZÃO, FERREIRA DA SILVA, TEODORO DOS SANTOS

